instituto linagalvani
Transformando junto

Avaliação social: Uma Prática dialógica para a construção de sentidos

Cecilia Galvani[i] com a colaboração de Sandra Rocha do Nascimento,
Sandra Mônica Silva Schwarzstein e Maria Izilda M.O.

"O conhecimento não é algo que as pessoas possuem em algum lugar dentro da cabeça, mas sim algo que as pessoas fazem juntas" (Kenneth J. Gergen, 1985).

No final de 2013, a partir da demanda de mensurar o impacto dos trabalhos do Instituto Lina Galvani, desenhamos um projeto que tinha como proposito utilizar métricas e indicadores para verificação da eficácia e efetividade de nossa atuação em Desenvolvimento Comunitário.

Os indicadores foram: Confiança; Pertencimento; Participação; Participação dos atores locais nos processos decisórios; Relacionamento com outros atores; Perfil da liderança local; Identificação de novas lideranças; Governança das Organizações de Base; Ampliação do repertório local; Auto-estima; Acesso a bens e serviços essenciais; Aumento de renda e Alavancagem de recursos direto para a localidade.

A partir da formação em Práticas Colaborativas e Dialógicas (ano de 2014), certificada pelo Houston Galveston Institute e pelo Taos Institute, em que conheci a Investigação Apreciativa e a Poética Social, uma nova proposta de avaliação começa a nascer na busca por um processo que também fosse útil e generativo para os envolvidos. Sem abrir mão da avaliação empírica e, no exercício de deixar para traz o mito da modernidade, agreguei uma nova perspectiva à proposta, embarcando numa viagem dinâmica rumo à complexidade das relações comunitárias de Angico dos Dias (BA), certa de que encontraria ótimas conversas, além de bons resultados.

Contextualização

Muitas práticas em contextos sociais e comunitários ainda são pautadas na perspectiva da autonomia individual. Esta autonomia centra-se na explicativa de que "todo comportamento será compreendido como decorrente de um julgamento moral individual e a responsabilidade sempre estará voltada a este individuo, seja vangloriando-o ou culpabilizando-o" (CAMARGO-BORGES, MISHIMA e MCNAMEE, 2008, p. 12). Uma tal compreensão, não favorece diálogos generativos e transformativos.

Ao nos aproximarmos do *pensamento pós-moderno*, ressoam conceitos como: presença da incerteza;; processo dialógico; discurso polifônico; postura de não-saber, colaboração e curiosidade; reflexividade; responsabilidade relacional; autonomia responsável ou autonomia relacional; inclusão, envolvimento e co-responsabilização

de todos os atores envolvidos; perguntas generativas, muitas perguntas, indagações (CAMARGO-BORGES, MISHIMA & MCNAMEE, 2008; MCNAMEE, 2001).

A partir deste paradigma pós-moderno, a proposta do Construcionismo Social em Psicologia, das quais um dos marcos reconhecidos é a publicação de Kenneth Gergen *"Social psychology as History"* (1973), apresenta-se como uma forma alternativa de compreensão do mundo, entendendo a realidade como sendo construída a partir daquilo que as pessoas produzem juntas, num determinado contexto cultural e histórico (GERGEN, 1985).

O discurso construcionista pode ser compreendido como uma teoria em ação, uma teoria prática, um movimento ou uma postura filosófica sobre o mundo. Essa postura privilegia as ações coletivas das pessoas em relação, com ênfase nas práticas linguísticas.

Para Gergen (1997), a linguagem passa a ser compreendida em suas funções pragmáticas nas relações, em sua habilidade performativa, considerando desde às ações verbais e não-verbais, aos objetos e os ambientes. A linguagem utilizada "não representa a realidade, mas constrói a realidade", visto que a concepção de uma única verdade ou realidade, é substituída pela compreensão da existência de múltiplas verdades e realidades, produzidas em um determinado local (SOUZA, MCNAMEE E SANTOS, 2010, p. 598).

Há também que se considerar essas múltiplas verdades e realidades que estão inseridas em dimensões culturais, históricas e conjunturais. As verdades e realidades, como as crenças e valores, também são múltiplas, estando dependentes dos participantes implicados no seu contexto de criação (SPINK, 2004, apud SOUZA, MCNAMEE E SANTOS, 2010).

Para Gergen (2008) as pessoas sempre devem ser vistas em contextos de relação para que possam ser responsabilizadas por suas escolhas e estas mesmas escolhas possam ser compreendidas dentro de um contexto de construção contínua de experiências relacionais.

No campo da prática comunitária sob este paradigma, diversas atuações são construídas fundamentadas pelo construcionismo social, dentre elas as práticas colaborativas e dialógicas que, neste artigo, enfocamos brevemente sobre a Investigação Apreciativa.

O método da "Investigação Apreciativa" (IA), estruturada por David Cooperider nos anos 1980 (COOPERRRIDER, WHITNEY & STRAVOS, 2003), tem como foco a busca por descrições linguísticas apreciativas. Durante um processo de pesquisas, Cooperider observou a importância decisiva nos tipos de perguntas feitas, identificando que elaborar questões sobre o que as pessoas valorizam em suas ações favorece a criação de um espaço que promove o fluxo das conversas e contribui para o acesso a mudanças (COOPERRIDER et al, 2003).

O facilitador deve pautar sua prática em cinco “posturas”: (1) construcionismo, os relatos sobre o mundo são construções produzidas entre as pessoas; (2) simultaneidade, a pesquisa ou avaliação também é considerada como intervenção; (3) postura poética, enfatiza a maneira como as pessoas conferem autoria a seu próprio universo; (4) antecipatória, a forma como as pessoas refletem sobre o futuro cria a maneira com que elas se encaminham para o mesmo; (5) positiva, o foco de atenção no que é positivo contribui para a possibilidade sincera das pessoas se engajarem no processo de investigação e mudança.

Desde 1980, a IA vem sendo utilizada em distintos contextos, ampliando seu território de atuação, sendo considerada como uma ferramenta que, ao longo do tempo, facilita o diálogo, gera a competência de partilhar desejos, de fazer escolhas, de dar suporte mútuo e de instigar atitudes positivas em relação a vida (PRESKILL & CATSAMBAS, 2006, apud SOUZA, MCNAMEE E SANTOS, 2010, p.601).

Roda de Avaliação

Tendo como propósito “Avaliarmos juntos - Instituto Lina Galvani (ILG) e comunidade - o trabalho que vimos realizando ao longo desses seis anos (desde o início das atividades do Instituto no território)”, foi feito um convite para moradores locais, para uma roda de conversa. Cerca de 30 pessoas aderiram à proposta. Com base na Investigação Apreciativa (IA), com ênfase na postura Relacional e Colaborativa, e a crença no diálogo como fonte de transformações generativas, parte dos Indicadores de Desenvolvimento Comunitário[ii] desenhados pela equipe do Instituto foram escolhidos para favorecer a conversa. Tivemos a preocupação de usar a linguagem cotidiana, uma das sensibilidades das práticas colaborativas, realizando alguns “ajustes” de nomenclatura para deixá-la mais acessível aos participantes da comunidade. Com essa preocupação, solicitamos ao grupo que fizesse um exercício de relembrar o “antes” (da atuação do ILG) e o “agora” (depois).

Com o intuito de facilitar a análise e reflexão dos processos discursivos e relacionais gerados a partir da experiência compartilhada e a partir do consentimento de todos, a reunião foi filmada. O encontro aconteceu no dia 13 de setembro de 2014, no clube do povoado, com duração de 2 horas, no dia em que comemorava-se os três anos de trabalho da Rede Social de Angico, Peixe e Região – iniciativa apoiada pelo Instituto que reúne representantes e atores locais, configurando-se como um importante espaço de participação e diálogo local. A Rede possui atualmente seis projetos em andamento: Praça São José, Resgate histórico-cultural, Diversão não tem idade, Geração de Renda, Inclusão digital e Adesão à coleta seletiva.

Num clima de colaboração e festivo, iniciamos a roda de conversa, com uma apresentação de boas-vindas recheada por sentimentos e expressões de felicidade e satisfação diante dos três anos da criação da Rede Social de Angico, Peixe e Região, anos de luta e conquistas de melhorias para a região. Muito se tinha a comemorar e aquele encontro configurou-se como uma excelente oportunidade para recordar,

emocionar-se, agradecer e também construir novos sentidos sobre si mesmos, sobre a Rede e a comunidade. Inspirada pela Poética Social (Shotter, 1998)[iii], descrevo abaixo alguns momentos marcantes da conversação, na tentativa de traduzir um pouco da riqueza desse encontro, apresentando as falas das pessoas da comunidade (em negrito e entre aspas) intercaladas com nossas próprias vozes, sobre alguns indicadores.

O primeiro Indicador que foi sugerido para discussão, foi Confiança (1) - traduzido pela qualidade da rede de relações humanas, que permite buscar ajuda em caso de necessidade. Alguns responderam que, comparando o "antes" com o "agora" **"talvez não tenha mudado muito"**. K., professora e liderança da localidade, afirma que o que havia mudado seria a consciência de que pra você conseguir ajuda tem que se abrir e procurar e que isso é algo aprendido. Ainda fala: **"nós já temos o histórico de união muito forte, mas eu acho que agora nós aprendemos a procurar ajuda. Aprendemos a nos abrirmos mais, para que outras pessoas conheçam nossas dificuldades e possam nos ajudar"**.

Com o olhar ainda atento para os aprendizados resultantes desses exercícios de conversações, me esforço para escutar a voz do Sr. T.: **"Vai indo, a pessoa aprende até a falar"**. E eu pergunto: "E o que vocês acham que contribuiu pra isso?", ouvindo **"um grupo desses ajuda muito. Mantemos contato, um fica sabendo da situação do outro e as pessoas aprenderam a se juntar"**, pontua K., alimentando minha convicção da importância de espaços como esses, para o fortalecimento das capacidades locais.

E isso já nos remete para outro Indicador, Ampliação do Repertório Local (9) - que tenta mensurar a capacidade para buscar e viabilizar soluções individuais e/ou comunitárias e o quanto uma rede saudável de relações contribui para isso. Lembro-me então da fala da H., mulher de rosto forte e angulado e de perfil empreendedor: **"esses tempos teve a questão da água, que tinha quebrado a bomba, aí teve um monte de gente que foi lá em casa (...) eu sei que a gente foi espalhando um pro outro e aí, daqui a pouco, a bomba já estava arrumada"**.

Casos de pessoas que superaram dificuldades individuais, também foram lembrados: **"um exemplo é o Sr. C., ele era doente, tinha depressão...e hoje, quando vou verificar a pressão – antes sempre 22 x 13, hoje ele já consegue controlar. Ele não saía de casa e hoje ele dança.**", exaltou feliz a enfermeira U. e idealizadora do Projeto Diversão não tem idade, voltado para o trabalho preventivo de hipertensão e diabetes na melhor idade. Dona Z., recém ingressada na Rede, emendou: **"faz um ano que estou participando da Flor do Sertão aqui na Rede e sempre falo pra minha sobrinha. Eu era doente e depois que eu estou nesse grupo, eu não tenho mais tempo para adoecer"**.

Seu depoimento gerou uma espontânea e radiante salva de palmas, deixando claro que a conquista da Dona Z. não era só dela, mas de todos!

Aprofundando um pouco mais o olhar sobre o Indicador Participação dos atores locais em processos decisórios (4) - procura saber se os "espaços de participação aumentaram ou diminuíram nos últimos anos", pergunto ao grupo sobre mudanças nos "espaços de participação": **"aumentou, porque hoje qualquer dificuldade que a comunidade está passando eles se juntam para resolver o assunto"**, explica H. Isso soa como uma música para meus ouvidos e posso até ver as conexões entre as pessoas fluindo espontânea e organicamente, ampliando exponencialmente a capacidade coletiva daquelas pessoas em buscarem soluções para suas inquietações, quando Dona N. afirma, do alto de seu posto de liderança mais antiga do povoado: **"antes era mais difícil (para se conseguir as coisas), o movimento de hoje tá mais fácil. Este ano estamos completando três anos de seca, mas graças a Deus tá todo mundo vivo e ninguém tá passando fome e ninguém tá passando por dificuldade".**

E quem há de negar? E o clima era de festa e propício para exaltação do lugar que a Rede Social havia alcançado no povoado**: "a nossa Rede tá se tornando uma força dentro da comunidade. Porque antes, quando surgia um problema, não sabíamos a quem recorrer. E agora, não"**.

Em relação ao indicador Identificação de novas lideranças (7) - que indaga o quanto novas lideranças inspiram e contribuem para o protagonismo da comunidade, abre-se espaço para uma voz tão surpreendente quanto inesperada de uma nova participante: **"mesmo se não me convidar (para as reuniões) eu vou, porque eu quero participar e saber o que tá acontecendo"**. Apesar da localização aparentemente perdida entre a Bahia e o Piauí, Angico coloca-se no epicentro da cena (ou do mapa?) inspirando e contagiando profissionais da área social que por lá passam e, claro, me enchendo de orgulho: **"esteve presente o Sr. M. do Sebrae, e ele rasgou elogios do trabalho realizado na Praça. Tirou foto de todas as coisas que tem aqui para levar lá pra Salvador, pra capital"**.

Cheios de si, de força e de capacidade, constroem novos sentidos entre os participantes, para nós e nossas vidas.

No momento final, certa de que já tinha escutado o suficiente que precisava para a avaliação, sou novamente surpreendida por um depoimento que escancara o real alcance da minha atuação, uma gota na imensidão da força que floresce na contraditória Angico: **"eu quero agradecer a Rede, por uma luta minha que é o curso de Serviço Social. A gente mora numa comunidade que, às vezes, as outras pessoas de fora pensam que a gente não sabe de nada e que a gente é um matuto. Quando eu cheguei em São Raimundo Nonato, eu lembro que eu fui um pouco excluída por morar aqui. E com o tempo e o meu conhecimento na Rede, que tem tudo a ver com o Serviço Social, essas pessoas que me excluíram foram ver que eu estava muito à frente. E de repente, a menina do interior, hoje, ajuda todas"**, diz a Sra. U.

Visualizo esta gota gerando reverberações a perder de vista, desdobramentos dos quais eu não tenho – e nem gostaria de ter, controle.

Considerações Finais

Meu maior aprendizado nessa trajetória das Práticas Colaborativas e Dialógicas, foi que nossa prática deve estar à serviço daquilo que seja útil e generativo, ampliando possibilidades para os envolvidos e, dessa maneira, abrindo mão da "verdade" pela "utilidade". Quando me dei conta da profundidade dessa postura, fiquei impactada.

Hoje estou feliz por perceber que, de fato, o Instituto Lina Galvani vem conseguindo ampliar as possibilidades de sentido social com o seu trabalho. A Rede Social de Angico dos Dias configurou-se não só referência de espaço para discussão e busca por soluções compartilhadas, mas como um recurso terapêutico em si, gerando possibilidades conversacionais interativas e transformação social.

"O processo de compreensão é resultado de um empreendimento ativo, cooperativo, de pessoas em relação" (Kenneth J. Gergen, 1985).

Referências

ANDERSON, Harlene. Collaborative Learning Communities", en McNamee, S. & Gergen, K.J. (1998) Relational Responsibility. Newbury Park, CA: Sage Publications.

ANDERSON, H.Conversação, Linguagem e Possibilidades. Ed. Revisada de Roca 2011.

BARRETO, Adalberto de Paula. Terapia comunitária: passo a passo. 3ª ed. Fortaleza : Gráfica LCR, 2008

CAMARGO-BORGES, Celiane, MISHIMA, Silvana & MCNAMEE, Sheila. Da Autonomia à Responsabilidade Relacional: Explorando Novas Inteligibilidades para as Práticas de Saúde. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 1 (1), 2008, 8-19.

COOPERIDER, D., WHITNEY, D, & STRAVOS, J. M. Apreciative inquiry handbook: the first in a series of AI workbooks for leaders of change. Ohio: Lakeshore Communications, Inc and Barret-Koeller Publisher, Inc., 2003

GERGEN, Kenneth J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis/SC, v.6, n.1, p. 299-325, jan/jul. 2009.

GERGEN, K., GERGEN, M. Construcionismo social: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituo NOOS, 2010.

LONDON, Sylvia, ST. GEORGE, D.F. Sally y WULFF, Dan. Guía para la Colaboración. International Journal of Collaborative Practices 1(1), 2009: 1-8.

PENN, Peggy – Joined Imaginations – Taos Institute Publication -2009.

SOUZA, L.V., MCNAMEE, S., & SANTOS, M.A. (2010). Avaliação como construção Social: Investigação Apreciativa. Psicologia & Sociedade, 22 (3), 598-607.

SPINK, M.J.&LIMA, L. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, M.J. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas. Sao Paulo: Cortez, 1999.

---

[i] Psicóloga (PUC-SP) e Terapeuta Comunitária (Cogeae – SP), é fundadora e Diretora Executiva do Instituto Lina Galvani há 14 anos. Certificada em Práticas Colaborativas e Dialógicas (Interfaci/Houston Galveston Institute/Taos Institute) elaborou, implantou e coordenou dezenas de iniciativas de desenvolvimento comunitário em diferentes regiões pelo Brasil - do polígono da seca a periferia de São Paulo – sendo responsável também pela avaliação de resultado e impacto.

[ii] [1] Confiança; [2] Pertencimento; [3] Participação; [4] Participação dos atores locais nos processos decisórios; [5] Relacionamento com outros atores; [6] Perfil da liderança local; 7] Identificação de novas lideranças; [8] Governança Das Organizações de Base; [9] Ampliação do repertório local; [10] Autoestima; [11] Acesso a bens e serviços essenciais; [12] Aumento de renda e [13] Alavancagem de recursos direto para a localidade.

[iii] Segundo Carla Guanases e Marisa Japur, em “Contribuições da poética social à pesquisa e psicoterapia em grupo” (2008), John Shotter (1998) enfatiza a importância de uma nova agenda de argumentação em ciência, que possa contribuir com formas de investigação menos comprometidas em explicar o real e mais envolvidas com a tarefa prática de ampliar as possibilidades de sentido social. A pesquisa é caracterizada como um processo vivo de construção e reconstrução de sentidos de mundo, enquanto o pesquisador é considerado parte inseparável do processo de produção de sentidos.